

Resumo: A interpretação da Bíblia na perspectiva de uma hermenêutica ecológica de defesa da vida, é uma abordagem não só válida, mas também necessária na situação do planeta Terra que está morrendo. Em cinco capítulos, o autor focaliza o tema da vida e suas inter-relações junto com o lugar dos seres humanos que dela usufruem. Igualmente a atenção se concentra nos nutrimentos, como p.ex. a água e o ar, que a sustentam na terra. Nisso está implicada a solidariedade planetária entre indivíduos e comunidades onde não faltam vozes proféticas com sérias advertências contra o perigo da degradação e da perda da vida.

Abstract: The interpretation of the Bible by means of an hermeneutic inspired by the theme of ecology defending life at all cost is not only valid but necessary in a situation where the planet Earth is at the risk of dying. In five chapters the author concentrates his analysis on the topic of life and its relationship with humankind benefiting from the gift of life. Not to be neglected are the preconditions of life such as air and water. To highlight their importance, the Bible brings to the fore prophetic voices from the past up to the present alerting against the danger of degrading and the loss of the gift of life.

Pautas para uma Hermenêutica Ecológica:

A solidariedade abarcando todas as formas de vida

*Luiz José Dietrich**

* O Autor é Professor do ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina e membro do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos).



“A terra é um planeta que está morrendo... Dramática e alarmante, essa afirmação, lamentavelmente, não é fruto da ficção científica; ao contrário; baseia-se em fatos amplamente discutidos e divulgados, em escala mundial, durante os últimos trinta anos. Na sua fúria para adquirir alimentos, morada, proteções das mais diversas, e toda a sorte de confortos materiais, o ser humano vem, há dois milhões de anos, transformando e desequilibrando a biosfera, uma tênue – e até agora única – película de vida desse imenso universo, da qual também faz parte como espécie animal” (Prof. José Maria de Almeida Jr.)

“Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os moradores da terra, pois não há mais fidelidade, nem amor; nem conhecimento de Deus na terra. Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência; e sangue derramado se ajunta a sangue derramado. Por isso a terra geme e seus moradores desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e até os peixes do mar estão desaparecendo.” (Oséias 4,1-3)

Nos últimos tempos muitas têm sido as notícias e as manchetes que nos informam que a tão anunciada crise ecológica começa a ganhar contornos cada vez mais reais, presentes e dramáticos. Mas não são somente os aspectos negativos que têm aparecido. Novas formas de compreender a natureza estão sendo colocadas em prática. O lugar que ocupamos na natureza e nossa relação com ela estão sendo repensadas. Sabedorias antigas e tradicionais, que corriam risco de ser soterradas pela força do pensamento moderno com pretensões únicas e totalizantes, estão sendo revalorizadas e resgatadas. A sabedoria tradicional dos povos originários da África, das Américas e da Ásia fornece importantes perspectivas através das quais os modernos conhecimentos adquiridos nos campos da biologia, da genética, da física, da neurologia, da química, da ecologia, estão sendo colocados a serviço da vida. Isso nos possibilita relações de cuidado para com todas as formas de vida, e para com a imensa e complexa teia de relações que tornam a vida possível, mas também nos transfere responsabilidades maiores do que as que tiveram nossos antepassados. Somos, portanto, chamados e chamados a assumir com força e dedicação esse compromisso, para que de fato possamos cumprir o desafio que hoje a vida nos coloca.

Porém, não podemos esquecer de considerar, juntamente com a crise ecológica, também os indicadores da pobreza e da injustiça social. Vivemos a seguinte situação: o mundo nunca produziu tanto e tão barato como hoje. Nos últimos 20 anos a produção agrícola triplicou e os preços de grãos e cereais custam um terço menos do que custavam, mas nunca



tantas pessoas morreram de fome e desnutrição como nos dias de hoje. E isso acontece não por causa do crescimento demográfico, mas por causa da concentração de rendas e riquezas nas mãos de um grupo cada vez menor e mais poderoso. 50% dos trabalhadores formais do mundo ganham menos de um dólar por dia. E muitos dos que ganham mais que um dólar por dia, suficiente para que não sejam mais considerados pobres pelos padrões da ONU, seguem sendo pobres, pois não têm acesso à saúde, à educação, à previdência social, permanecendo expostos a situações de violência e abandono. Dento do sistema em que vivemos, nem mesmo o crescimento econômico reduz a pobreza. Isso acabou de ser demonstrado, mais uma vez, em nossos vizinhos Chile e Argentina, que nos últimos anos alcançaram altas taxas de desenvolvimento e crescimento econômico e, em certos casos até conseguiram retirar alguns de seus cidadãos da pobreza, mas em contrapartida, no geral aumentaram dramaticamente seus índices de desigualdades sociais.

A crise social, causada pelo aumento da pobreza e da desigualdade, ao garantir e delimitar escolas, previdência, saúde, bens de consumo, meios de comunicação, transportes, moradia e lazer, modernos e bem equipados e privilegiados para os ricos, e outros, abandonados, obsoletos e mal equipados, insalubres e inseguros, para os pobres, por um lado está consolidando um verdadeiro *apartheid* em nosso país, e por outro lado está elevando drasticamente os níveis da violência urbana. O que temos de entender é que a crise social e a crise ecológica que estamos vivenciando brotam do mesmo modelo de desenvolvimento. São intrínsecas ao atual modelo de sociedade. Para o livre comércio, a livre circulação das mercadorias e para o livre trânsito do capital não interessa nenhum tipo de regulamentação, seja de proteção aos direitos trabalhistas, seja de proteção às culturas e aos povos nativos e originários, seja de proteção ambiental. O atual modelo econômico direcionado para a reprodução do capital devora tanto as pessoas quanto as culturas, tanto as florestas quanto o restante do patrimônio hídrico-natural.

Conforme já acenamos acima, nesse contexto de crise, diversos grupos dentro da chamada pós-modernidade, sensíveis aos males causados pelas modernas formas de vida às pessoas, à vida comunitária e ao ambiente natural, desenvolvendo um pensamento holístico, buscam nas sabedorias, espiritualidades e organizações tradicionais, formas alternativas de viver e de relacionar-se com a natureza. É dentro dessa busca que também se pergunta à Bíblia que contribuição ela pode dar.



A Bíblia pode contribuir?

Antes, no entanto, devemos fazer um pequeno parêntesis, pois a relação da Bíblia com a ecologia é uma questão polêmica. Para muitos pensadores e movimentos ecologistas, a Bíblia não tem nenhuma contribuição a dar para melhorar nossa relação com a natureza. Para eles, ela é uma das grandes culpadas pela relação utilitarista e destruidora adotada pela civilização ocidental para com a natureza. Dizem eles, não sem razão em muitos casos, que a Bíblia, ao acentuar demasiadamente o papel do ser humano – entenda-se aqui o homem branco, judeu-cristão e europeu – como *senhor e centro da criação* (Gn 1,26 e 28), justificou e legitimou a violência contra povos e culturas profundamente respeitosos à natureza. Fundamentou “a construção de uma mitologia do poder”, tudo sempre em nome do “progresso e do desenvolvimento” da humanidade ocidental cristã.

É possível ler a Bíblia, na perspectiva de uma hermenêutica ecológica de defesa da vida, nessa situação? No campo da justiça social, da promoção de uma sociedade sem concentração de poder e de riquezas, a Bíblia tem muito a dizer. Já sabemos. Quase já faz parte do senso comum que a teologia do Êxodo, o grito dos profetas e das profetisas da Bíblia, o evangelho de Jesus e a proposta das primeiras comunidades cristãs, apontam fortemente nesse sentido. Mas terá a Bíblia alguma coisa para dizer no campo da ecologia? Além do papel desempenhado pela Bíblia na história, devemos considerar que os escritos nela reunidos provêm de um contexto e de um universo cultural pré-moderno, bem distante no tempo, na geografia e na cultura, do nosso mundo atual.

Penso, apesar de tudo, que a Bíblia tem uma contribuição importante para uma revisão das relações entre a espécie humana e a natureza, impulsionando a construção de uma sociedade ecológica e socialmente justa, saudável e sustentável. Mas para que isto seja possível, é necessário compreendê-la a partir de uma hermenêutica que considere os seguintes aspectos: 1) A história do povo de Israel e da redação dos textos bíblicos; 2) O que constitui uma “Palavra de Deus”; 3) A grande teia de inter-relações que é a Vida, e nosso lugar nela; 4) Ecologia como solidariedade planetária; 5) A militância profética, ecumênica e prática no cuidado, na defesa e no amor à Vida.

1. Conhecer a história para discernir os espíritos

Embora nem sempre seja fácil ou possível, é necessário procurar colocar os textos, e as hermenêuticas a eles aplicadas, dentro de seus contextos históricos. Desse modo poderemos ver porque a Bíblia desem-



penhou um papel funesto em diversos momentos históricos, e também poderemos resgatar de dentro dela a *ruah* (o Espírito no hebraico é feminino) das palavras de Deus, geradoras de Vida. As sociedades são geralmente formadas por grupos com interesses divergentes e até contraditórios. E como Deus e sua Palavra fornecem sentidos, legitimam normas, leis e instituições, cada grupo procura puxar Deus e sua Palavra para junto de sua visão de mundo e de seus interesses. Dos conflitos sociais, que atravessam todas as sociedades, não escapam nem a Bíblia nem as formas de lê-la, pois tanto aquela como estas nasceram e se desenvolveram em situações semelhantes.

Na Bíblia esse conflito torna-se especialmente expressivo com a instituição da monarquia. Antes os israelitas viviam em tribos autônomas, trabalhando e partilhando a terra e seus frutos de forma solidária e quase sem diferenças sociais entre eles. O Deus descoberto na libertação dos escravos no Egito, e no processo de emancipação dos camponeses nas cidades-estado de Canaã, patrocinava essa organização. Porém, mecanismos de acumulação de riqueza e poder militar originam uma elite que rompe o tribalismo e institui a monarquia, apresentado-a como vontade do mesmo Deus libertador dos camponeses. Em nome dele exigir-se-á o pagamento de tributos e trabalhos forçados. Dali em diante Israel terá duas principais vertentes teológicas: uma, a que vem da libertação e da partilha da terra, viva entre as organizações camponesas remanescentes; outra, a oficial, dos sacerdotes, escribas e funcionários do rei. O mesmo sucede quando a Boa Nova de Jesus aos pobres torna-se a religião do império romano, e passa a ser codificada nessa situação.

Essas duas vertentes perpassam a Bíblia e adentram na história posterior. Numa alinham-se os profetas, Jesus, e a fraternidade da mesa partilhada na Igreja primitiva; da outra provêm a exigência dos sacrifícios, oferendas e tributos, o legalismo e o ritualismo que excluem os pobres e beneficiam e justificam as elites. Embora se refiram a um mesmo Deus, os conflitos entre eles revelam que seus Deuses são diferentes. Entretanto, estas diversas leituras foram incorporadas ao texto bíblico e às teologias. Por isto ali também encontramos leituras que aprofundam desigualdades, consolidam hierarquias e estimulam discriminações que violentam os corpos e as mentes dos pobres, das mulheres e dos estrangeiros, e que ao longo da nossa história fundamentaram ações também contra negros, índios, e contra todas as outras formas de vida da natureza... A abordagem dos textos em seus contextos históricos permite a desconstrução desses processos e suas funções.



1.1. Desconstruir as leituras a partir do poder e reconstruí-las a partir da vida

Podemos ver um exemplo disso em Gn 1,26 e 28. Ali os seres humanos recebem o mandato de dominar (hebr. *radah*, que tem o sentido de “dominar”) “sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre toda terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.” O mandato do domínio é repetido no verso 1,28 e reforçado com a ação de “sujeitar (hebr. *kabash*, que tem o sentido predominante de calçar aos pés, de pôr os pés sobre algo ou alguém com o sentido de “subjugar”) a terra”. Estas ordens vêm junto com a criação dos seres humanos (hebr. *'adam* = masculino e feminino) enquanto “imagem e semelhança de Deus”. Provavelmente temos aqui restos de narrativas que se referiam à criação de reis e governantes. Pois na antiga religião babilônica somente eles eram louvados como criados por Deus à sua imagem e semelhança. E somente a eles era dado o direito de dominar e sujeitar toda a terra e todos os animais. A concepção de que todas as pessoas têm dignidade, por serem imagem e semelhança de Deus, foi fundamental para o estabelecimento dos Direitos Humanos. Esse avanço libertador não retirou do texto os verbos *radah*, e *kabash*, que pertencem à semântica do poder atribuído aos reis divinizados do antigo Oriente, sendo inclusive citados em Salmos dedicados aos reis de Israel (Sl 72,8; 110,2). Assim leituras posteriores, realizadas desde posições de poder, puderam fundamentar-se nesses textos para afirmar sua compreensão de sujeição e domínio irrestrito sobre a terra e a natureza.

Isso coloca a questão de como entendemos os textos bíblicos. O que nos leva ao próximo ponto.

2. O que constitui uma “Palavra de Deus”?

As narrativas encontradas em Gn 1-11 são textos míticos. A palavra “mito” muitas vezes é tomada em sentido negativo. Mas os mitos são formas de transmissão do conhecimento, diferentes das formas modernas e científicas atuais. Transmitem cultura e sabedoria do mesmo jeito como nossos pais, mães e avós nos passavam seus valores e cosmovisões contando histórias antigas. É um conhecimento que nasce da experiência, ou condensa a experiência de vida, de quem conta essas histórias. São importantes na constituição do universo mental e na estruturação dos comportamentos, das instituições e na marcação dos tempos e espaços que



regiam a vida das sociedades antigas. Todos os povos antigos possuem um patrimônio de narrativas míticas. Existem muitas narrativas sobre a criação do mundo e a origem da vida. Babilônios, egípcios, africanos, indianos, gregos ou os índios das Américas, todos os povos guardam histórias a respeito de como as coisas e as pessoas começaram a existir. Na Bíblia – e também na sociedade atual – nós temos mitos.

Mas muita gente lê a Bíblia como se ela fosse um livro de história ou de ciência, ou como se cada palavra que se encontra nela tivesse sido ditada por Deus. Isso tem a ver com a relação que fazemos entre Bíblia e Palavra de Deus. A Bíblia é, na verdade, um livro escrito por gente como nós, que no meio das suas lutas diárias procurava fazer o que achava certo, de acordo com sua compreensão da vida e de Deus. Hoje se sabe que os babilônios, já há uns dois mil anos antes dos israelitas, haviam produzido histórias da criação, do dilúvio e muitos outros episódios contando a relação dos seus deuses com as pessoas e a natureza. Como já vimos acima, os israelitas adaptaram algumas dessas histórias à sua fé e à sua maneira de ver o mundo e passaram a usá-las e a contá-las para ensinar seus filhos. Essa é a origem de boa parte das narrativas encontradas em Gênesis 1 a 11. O fato de estas histórias estarem na Bíblia, nosso livro sagrado, não as torna superiores a outras narrativas sobre as origens, que muitas vezes também fazem parte dos livros ou das tradições sagradas de outros povos. Como exatamente surgiram a Terra e a vida sobre a Terra nós não sabemos. Foi há muito tempo atrás. Os cientistas calculam que nosso universo teria surgido há uns treze ou quinze bilhões de anos.

Quando as narrativas bíblicas são usadas para condenar tradições religiosas ou culturais de outros povos, ou quando servem de legitimação para a destruição de outros povos, como aconteceu no confronto da civilização branca com as civilizações africanas e americanas, elas deixam de ser Palavra de Deus. Os Zulus africanos, na primeira metade do século passado, disseram ao Papa que os visitava: “quando vocês chegaram aqui, nós tínhamos as terras e vocês tinham a Bíblia; hoje nós temos a Bíblia, mas vocês têm a nossa terra. Então peguem de volta a Bíblia e nos devolvam nossas terras!” Algo parecido fez o peruano representante dos povos originários da região Andina, quando no quinto centenário da chegada do homem branco à América, disse também ao Papa: “leve de volta este livro, porque ele é a causa do nosso extermínio.” Está muito claro que para essa gente e nessas ocasiões a Bíblia não foi Palavra de Deus. Do mesmo modo hoje a Bíblia não será Palavra de Deus se calarmos diante



da ação das forças que destinam milhares de pessoas à morte por fome, sede, miséria, doença e exclusão, e depredam a vida natural.

As narrativas bíblicas brotaram do evento da libertação dos escravos e da emancipação dos camponeses em Canaã (núcleo original do Antigo Testamento); e da vida de Jesus e da prática das primeiras comunidades cristãs no império romano (núcleo original do Novo Testamento). Foram escritas depois desses eventos e cresceram procurando guardar e atualizar o caráter salvífico, defensor e promotor da vida descobertos nesses eventos fundantes. A Bíblia é Palavra de Deus sempre que consegue, ao defender, promover e cuidar da vida onde a vida está ameaçada, atualizar e permitir que a experiência de salvação e libertação que está na sua origem seja de novo vivida e concretamente experimentada. Quando usada com outros fins, mesmo que não se modifique nenhuma de suas letras, ela não é Palavra de Deus. Uma hermenêutica ecológica necessita que leiamos a Bíblia com uma perspectiva semelhante àquela com que Jesus interpretou o sábado (Mc 2,27). Ele resgatou a sacralidade do sábado recolocando-o na perspectiva que originou a sua instituição como dia sagrado: o sábado surgiu para evitar a exploração no trabalho, e foi reforçado no exílio como momento de resistência à dominação babilônica. O sábado deve ser observado em função da Vida. O valor absoluto deve estar na defesa da Vida e não na observância do sábado. Uma hermenêutica libertadora e ecológica deve nos ajudar a ressaltar ou relativizar determinadas narrativas e instituições, de acordo com a função que elas realizam em relação à defesa da vida, seja no seu nascedouro, seja no contexto onde estejam sendo lidas. A Palavra de Deus é antes de tudo palavra a serviço da vida, de todas as formas de vida.

Por isso, para uma hermenêutica ecológica, é necessário ver o que entendemos por “vida”.

3. A grande teia de inter-relações que é a Vida, e nosso lugar nela

O que devemos reter das narrativas míticas de Gn 1,1-2,4 é o Espírito que está na origem da vida e de todas as coisas. Primeiro, é preciso entender que a vida vem de Deus. A Vida nos fala do mistério de Deus, Deus nos fala através do mistério da Vida. E a criação é um ato de amor de Deus, que, dizendo dez palavras criadoras – dez vezes ocorre ali a expressão “Deus disse” – partilha do seu próprio ser. É Vida que



partilha a Vida com todos os seres que existem. O objetivo da criação é permitir que haja vida. E *vida em abundância* (Jo 10,10) para todos os seres e ecossistemas. Não só para a humanidade. E, em segundo lugar, desse Espírito, presente na criação. Deus nos criou em relação com ele e com todas as outras formas de vida. A vida forma e é sustentada por uma complexa teia de interligações e interdependências que relaciona e une todos os seres vivos e os ecossistemas entre si. Podemos ressaltar em Gn 1 a presença dessa interdependência relacional na seqüência ali apresentada: tudo começa com a água (1,2), depois vem a luz e a organização das águas na terra e na atmosfera (1,3-10), depois vêm as plantas (1,11-12), os animais aquáticos e as aves (1,20-23) e por fim os répteis e os animais terrestres, entre os quais está a humanidade (1,24-27). Todos dependem uns dos outros e estão estreitamente ligados pela água, pelo ar que respiram, pelos nutrientes dos quais se alimentam. Hoje sabemos que, quando essas relações são desconsideradas, produzem-se os desequilíbrios que abalam o sistema como um todo e ameaçam a teia da vida.

3.1. A água possibilita e une todas as formas de vida

A água revela o quanto somos interdependentes. Sem a água, não haveria vida na Terra. A superfície da Terra tem quase três vezes mais água do que terra firme. A presença da água líquida diferencia claramente a Terra dos outros planetas e luas do sistema solar. A Terra no início era um imenso mar de lava em fusão. Sua atmosfera era formada por nuvens de gases que se condensavam e caíam sobre a Terra. Durante milhões de anos a terra foi esfriando e formando o solo, os oceanos, os rios, lagos e todos os mananciais aquáticos. Foi nessas águas que, há quatro bilhões de anos, se formou a primeira célula viva com condições de reproduzir-se e multiplicar-se. Esta é a origem de todas as formas de vida. De certa forma, todas as células de plantas e animais guardam uma memória dessa origem aquática, porque o líquido que preenche o interior das células, as nossas inclusive, possui uma composição de água e sais minerais muito semelhante à composição desse mar que está na origem da vida.

No útero materno ficamos dentro do líquido amniótico. Metade do peso e cerca de 70% da massa do nosso corpo é formada por água. E em todo o tempo estamos trocando água com o meio ambiente. Um adulto elimina mais ou menos 3 litros de água por dia, através da respiração, do suor e da urina. Em 15 dias trocamos mais ou menos 45 litros de água



com o meio ambiente. Isso equivale a trocar toda a água de nosso corpo duas vezes por mês.

A quantidade de água que existe hoje no planeta é praticamente a mesma quantidade que havia quando a Terra começou a esfriar. A água circula permanente entre oceanos, rios e lagos, atmosfera, chuva ou neve. Porém, no seu caminho fica por algum tempo retida nas células de plantas e animais, para depois retornar ao seu ciclo. Isso significa que a água que faz parte do nosso corpo, hoje, está já circulando na terra há muitos bilhões de anos. Sem dúvida já pertenceu a muitas outras células, seres vivos e esteve em muitos corpos de água antes de estar em nós. Ela nos une estreitamente aos seres vivos que habitaram o planeta antes de nós, aos que nele vivem atualmente e aos que estarão aqui depois de nós.

Precisamos urgentemente transformar nossas práticas, pois a vida pode seguir adiante sem a presença dos humanos – existiu por bilhões de anos antes do aparecimento da humanidade – mas nós não podemos viver sem as outras espécies vivas.

3.2. Respiramos o mesmo ar, porque conspiramos uns contra os outros?

Outra confirmação dessa mútua dependência é que praticamente todas as formas vivas dependem basicamente dos vegetais. Os vegetais absorvem a energia do sol e a armazenam, na forma de energia química, em suas folhas, sementes, frutos, e ocupam a base de toda a cadeia alimentar. Os vegetais por sua vez dependem de uma série de animais, aves e insetos para a polinização e dispersão de suas sementes e de todo o exército de microorganismos decompositores, muitos deles microscópicos, para nutrir os solos com resíduos mortos.

Também a respiração nos liga com os vegetais ao nosso redor. Inspiramos o oxigênio que as plantas liberam e exalamos dióxido de carbono que as plantas capturam para se desenvolver. Somos uma parte dessa teia da vida. Os átomos, as moléculas e a água que estão em nós, o ar que respiramos, os alimentos que comemos, são parte de sistemas e organismos entrelaçados uns nos outros e entrecruzados pelos ciclos da matéria e fluxos da energia. Estamos ligados – nosso corpo é um – com a Terra, com a água e com as florestas e as montanhas, os animais e os microorganismos. Uma hermenêutica ecológica deve, portanto, considerar estas interligações e interdependências. Uma forma de vida não se separa e não existe sem as outras.



4. Ecologia como solidariedade planetária

A origem etimológica da palavra solidariedade é exatamente esta: sentir-se solidamente parte do mesmo corpo. Com as noções da ecologia, a solidariedade alcança um nível cósmico. Faz com que busquemos a solidariedade com as pessoas pobres, injustiçadas e marginalizadas, mas também nos faz perceber que cada pessoa e cada comunidade estão comprometidas com todas as formas de vida e mesmo com o futuro da vida neste planeta. Com a ecologia, a solidariedade passa a abranger o planeta, com todas as suas formas de vida e os ecossistemas que as sustentam. Somente uma tal solidariedade pode nos ajudar a refundar a utopia e superar a barbárie advinda da desordem do mundo do trabalho, da produção e do consumo, num movimento de reconhecimento às gerações passadas, e de responsabilidade para com as gerações futuras, ir tecendo seus fios e sinergicamente entrelaçando-os com a grande teia da vida no universo.

5. A militância profética, ecumênica e prática no cuidado, defesa e amor à Vida

Assim, uma hermenêutica ecológica exige uma revisão de toda a interpretação bíblica e tradição das igrejas fundadas na dicotomia entre o mundo masculino e o feminino, entre público e privado, cultura e natureza, espírito e matéria, alma e corpo, sagrado e profano, razão e emoção. Sem isso continuará propagando valores hierárquicos. Sempre o primeiro é superior ao segundo, e por essa via não se pode resgatar a interdependência, afirmar a conexão mútua, ou celebrar a vida em sua complexa teia de relações. Deverá afirmar a interrelacionalidade de todos os seres vivos, a interdependência entre o todo e a parte, a complexidade que mantém a vida. Por abarcar todas as formas de vida, essa hermenêutica terá de ser profundamente ecumênica. E por exigir rupturas com a mentalidade hoje dominante na sociedade e nas igrejas, essa hermenêutica, na medida em que nos compele a uma solidariedade prática, radical e total, pois nos leva a falar, a agir e a lutar em defesa não só das pessoas, mas também de todas as formas de vida hoje ameaçadas, é uma releitura do caminho profético para o nosso tempo.

Para terminar, deixamos aqui nossa prece para que nossa busca por uma hermenêutica ecológica seja abençoada, e que a *ruah de IHWH*



nos reconduza à sintonia com a sua Palavra criadora, promotora e cuidadora da Vida.

Bibliografia

REIMER, Haroldo, *Toda a criação*, São Leopoldo : Oikos Editora, 2006.

DIETRICH, Luiz José (org.), “Ecologia: solidariedade como cosmos”, em: *A Palavra na Vida*, n.189, São Leopoldo : CEBI, 2003.

BOFF, Leonardo, *Ética da vida*, Brasília : Letraviva, 1999.

GARMUS, Ludovico, “Bíblia e ecologia: aspectos fundamentais (Gn 1-11)”, em: *Grande Sinal*, n. XLVI, Petrópolis : Vozes, 1992, p. 275-290.

Endereço do Autor:

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC

Caixa Postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

Fone/Fax: (48) 3234-0400